

**A COLECCÃO DE FOLHETOS DE CORDEL DA  
BIBLIOTECA DE ARTE**

**SEU VALOR E CONSEQUENTES CUIDADOS NA SUA  
PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO**

Por: Maria Teresa do Vale de Matos

Há a convicção de que a literatura de cordel é um recurso hábil de editores criado em França no século XVII, com a intenção de fazer circular livros de baixo preço, impressos em grande número e divulgados através da venda ambulante.

Em Inglaterra encontramos os *cheapbooks*; em França, o seu conjunto é designado por *Bibliothèque Bleue*; em Espanha chamam-lhes *pliegos de cordel* e, em Portugal, temos os *folhetos de cordel*, ou volantes.

É no séc. XVIII que na Europa se observa grande actividade literária a que Portugal não se alheou.

O espírito moderno invade, de forma benéfica, aliás, a vida cultural do país, e, até mesmo representantes do clero, do mais alto clero, se associam a este magnífico influxo renovador.

As Academias seiscentistas cedem lugar a outras academias cujo espírito é o novo espírito da época.

Mas, os folhetos de cordel são divulgados, de modo menos exuberante que nos outros países: primeiro na escadaria do Hospital de

Todos-os Santos, junto ao Rossio, em Lisboa, depois no Arsenal e, finalmente, nas Arcadas da Praça do Comércio.

Tudo leva a crer que a relação entre o texto de cordel e o seu comprador não é a mesma que liga os leitores tradicionais aos seus livros.

O que não se deve, actualmente, pensar é que aqueles textos de cordel são, por definição, literatura de baixo nível cultural e moral.

Muitas obras editadas na forma de livro ou folheto de cordel são de textos que remontam a um outro texto de tradição erudita o que é verificável qualquer que seja a categoria de obras considerada, quer se trate de obras de devoção ou de obras de ficção.

A passagem do texto antigo a texto para literatura popular fazia-se multiplicando capítulos, aumentando parágrafos, tornando mais leve a distribuição do texto da folha, dividindo o texto em títulos de capítulos ou em parágrafos.

Também era frequente um outro tipo de intervenção que consistia em cortar o que se considerava supérfluo ou sem interesse para o desenvolvimento da acção.

Do mesmo modo, a literatura erudita sofria estas intervenções nos textos originais, o que lhe causava prejuízo, mais na forma do que no conteúdo.

Supõe-se que a intenção que desencadeava estas transformações pretendia tornar a literatura fácil, já que este tipo de literatura tinha um público destinado.

Para além disto, a censura religiosa impunha-se, uma vez que os textos não deveriam conter palavras licenciosas ou alusivas ao baixo-ventre.

Mais tarde será a censura política, que depende da coroa, a exercer estas funções.

Apesar dos cortes ou alterações sofridas pelo texto original, ainda assim a literatura de cordel não pode considerar-se uma forma literária pobre de recursos. É rica na quantidade e, sem qualquer dúvida, na qualidade.

O enredo nas peças de literatura de cordel, embora feito artificialmente, é constituído de modo tão hábil que provoca e excita a atenção.

Mesmo quando impressa, a poesia popular conserva o seu carácter de oralidade. É que a literatura de cordel tem de permitir uma comunicação imediata com o destinatário.

Assim, baseada nos critérios acima expostos, entre outros do mesmo ou de maior valor, a Fundação Calouste Gulbenkian, através do seu Serviço de Biblioteca de Arte, adquiriu 455 obras de Folhetos de Cordel que constituem uma das mais valiosas colecções do género.

Esta colecção abrange peças de 1692 a 1886 mas, tem o seu maior volume documental centrado entre os anos de 1777 a 1794.

Para além de autores e tradutores portugueses esta colecção inclui obras dos italianos Metastásio e Goldoni, dos franceses Voltaire e Molière.

O Abade Pietro Trapassi Metastásio, cuja influência muito se fez sentir na Europa de seu tempo, teve obras musicadas por Haendel e Mozart, foi escutado no Teatro da Ajuda e no Teatro de S. João em Queluz.

Ainda que a censura religiosa tivesse actuado no século XVI sobre as obras de Gil Vicente, que as viu incluídas no Rol dos Livros

Defesos, não se escudou esta censura, como, depois a censura política, a exercer a sua autoridade sobre os erros gramaticais e as deturpações dos textos originais.

A título exemplificativo recordamos a comédia intitulada “*O mais heroico segredo, ou Artaxerxe*”, publicada em Lisboa em 1758, “*na officina de Manoel António Monteiro*”, que foi proibida em 1770, de acordo com um parecer que a dado passo reza assim “*a comédia [...] está muito difigurada do seu original, o tradutor lhe acrescentou dous graciosos q[ue] algumas passagens rompem em expressões pouco sérias e menos decentes [...] Acresce que na sobreda. Comedia se trata do homicidio do Rey Xerxe feito por hum seu vassalo [...] Todas as sobredas. Razões persuadem não ser conveniente q[ue] a sobreda., comedia se imprima, nem represente*”.

Ou ainda este outro exemplo sobre a tradução de Semiramide, feita por Lucas Alvim, em 1775: “[...] *o autor introduz scenas escuzadas, com episódios estranhos da Fábula, talvez pa. se accomodar ao abrigo com que o povo costuma gostar do theatro. Contudo não contem couza que offenda a religião, e regalias do Estado sou de parecer se lhe conceda licença [...]*”.

Sobre a correcção de erros gramaticais podemos ler na comédia de Goldoni “*A Dama dos Encantos*” o seguinte despacho sobre o texto manuscrito: “*Imprima-se emendados os erros de gramática, e torna a conferir*”.

A entrada das obras estrangeiras em Portugal não foi muito afectada pela Real Mesa Censória mas, as suas traduções foram sempre objecto de grande rigor crítico.

Podemos ler no Index expurgatório de 1851 o que se diz sobre a venda de folhetos de cordel e outros livros.

*“Os vendedores de Autos e Cartilhas nam vendam nem comprem para vender outros livros sem primeiro os mostrarem ao Revedor: porque eles compram e vendem sem saber o que ha nos taes livros [...]”*.

Ao apreciarmos os exemplares de literatura de cordel da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, no que diz respeito a autores estrangeiros traduzidos, não queremos esquecer autores portugueses como Nicolau Luís ou Nicolau Luís da Silva, continuador de teatro de António José da Silva.

Nicolau Luís produziu muitíssimas comédias, adaptou outras e dedicou a sua actividade ao Teatro do Bairro Alto onde sempre havia peças novas. Sem rever nem assinar vendia as suas obras ao cego Romão José que as revendia à esquina do Convento de São Domingos, no Rossio.

A Biblioteca de Arte tem cerca de uma centena de obras atribuídas a Nicolau Luís.

O aspecto aristocrático em que a ópera, com a música, a cenografia e a arte cénica é representada para a corte e o aspecto popular, com que o teatro de cordel, com o seu mundo adequado e próprio, cheio de invenções e enredos são duas facetas do teatro em Portugal no século XVIII.

Foi Nicolau Tolentino quem deu a designação de teatro de cordel a este tipo de teatro popular do século XVIII. Na sua obra satírica *“O Bilhar”* define-o assim:

*“Todos os versos leu da Estátua Equestre/E todos os famosos Entremezes/Que no Arsenal ao vago caminhante/se vendem a cavalo n'um barbante”.*

Eram estes folhetos vendidos por cegos, a quem D. João V concedeu privilégios, tal como se fazia em Espanha, ou por vendedores sedentários que os penduravam em cordeis e, por aí passaram volantes de Gil Vicente, entre outros autores de mérito.

Esta literatura de cordel é um vasto repositório de modos, usos e costumes, expressões e grotescos do século XVIII, como se pode ver ainda noutros autores portugueses como João Xavier de Matos e Henrique de Sousa e Almeida.

São vinte e dois manuscritos que, com os impressos, constituem esta valiosa colecção, que podem contribuir como matéria de base para um potencial estudo sobre a literatura de cordel no século XVIII e, a sua extensão no campo da antropologia cultural no que ela tem a ver com os costumes, as crenças, o comportamento e, a organização social da época em Portugal.

Os assuntos desta literatura vão dos casos conhecidos, locais ou não, aos temas teológicos mas, sempre para a satisfação do gosto popular.

A maior parte da colecção de impressos e manuscritos desta literatura está disponível em catálogo impresso e, em microfilme, no desejo expresso de preservar este material precioso.

No mesmo âmbito de preservação e conservação foi tratado e recuperado no laboratório de restauro do Museu Gulbenkian e, posteriormente, guardado em caixas de cartão, devidamente adequadas e preparadas, para que os folhetos não estejam sobre compressão e à

mercê de material com acidez, bem como colocados em área do depósito onde as condições ambiente são as necessárias e suficientes para que, usufruam da mais longa vida bibliográfica.

E, sempre na mira, de enriquecimento da colecção foram recentemente adquiridas mais obras, algumas dezenas, que vão do século XVIII ao XIX.

Tal aquisição tem como finalidade trazer à colecção o maior número possível de exemplares, de modo a tornar a colecção de folhetos de cordel da Biblioteca de Arte um vasto manancial de elementos para uma História da Literatura de Cordel em Portugal.

E, é assim, que de marginalizada, esta literatura passa hoje a ser considerada uma das riquezas da cultura portuguesa, que não pode ser menosprezada.

A Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian vai potencializar este material literário, aproveitando todos os meios tecnológicos disponíveis, para o difundir como merece.

Lisboa, 14 de Abril de 1998

